

Antônio Silveira (\*)

30/6/03

## Egoísmo humano e pobreza

Colaborador

Observando os últimos e lamentáveis acontecimentos ocorridos em nosso planeta, como a corrida armamentista, a degradação ambiental causada pela forma insustentável e gananciosa de desenvolvimento e as últimas guerras, que acontecem em várias partes, e relendo os ensinamentos de Lao-Tsé, quando diz: "Puro egoísmo é quando os soberanos vivem em suntuosos palácios, enquanto os campos jazem desertos e vazios os celeiros. Puro egoísmo é ostentar roupas luxuosas, ufanar-se de armas, acumular riquezas à custa dos outros", leva-nos às seguintes reflexões sobre o egoísmo humano e suas consequências sociais.

Este verbete taoísta, escrito há 2.600 anos pelo citado mestre chinês, mostra que naquela longínqua época já havia alguém preocupado com as nefastas consequências do egoísmo humano. De fato, as atitudes egoístas do ser humano remontam à aurora de sua existência, pois, para sobreviver, o então *homo sapiens* primitivo brigava pela comida, mostrando um egoísmo primitivo e instintivo. Até que dá para entender esse egoísmo por estar ligado direta e concretamente à sobrevivência, funcionando como instrumento do instinto de preservação, mas o que não se pode consentir é que a humanidade, estando num processo de evolução cultural tão avançado como neste início de século 21, ainda suporte em seu seio este nefasto *modus vivendi*, com milhões de pessoas agindo egoisticamente; o que é pior, sem que seja pelo instinto de preservação, como nossos ancestrais.

A verdade é que, sob este aspecto, a humanidade pouco evoluiu em termos filosófico, moral e ético, ficando na periferia do seu centro de equilíbrio. Os homens vêm agindo de forma inconsequente, não se preocupando realmente com a essência de suas vidas. Vivem na superficialidade de seu "eu". O poder do ter é muito maior do que o poder do ser. O que interessa ao homem moderno é tão-somente a sua comodidade material, seu conforto físico, deixando de lado o desenvolvimento de aspectos de sua personalidade e sentimentos muito mais intensos que são o



cia, o prazer e o conforto da intelectualidade e da prática da fraternidade social. Isso vem fazendo com que o ser humano seja um insaciável consumidor de bens materiais, agindo cada vez mais compulsivamente, acima dos limites da sanidade.

Hodiernamente o conceito de felicidade está adstrito ao poder de possuir bens materiais. Não há nada mais desejado do que ter isto ou aquilo, poder mostrar aos outros isto ou aquilo. A felicidade foi projetada para fora da pessoa e está agregada somente a bens materiais, ao invés de ser um estado de espírito, uma sensação interior independente das coisas externas.

Então, com este conceito de felicidade caminha a humanidade para uma desastrosa desigualdade social e conflitos sem fim, pois as pessoas só pensam em adquirir bens e guardá-los para que sejam reconhecidas como ricas e poderosas, o que aumenta cada vez mais a ganância, a beligerância e os desníveis sócio-econômicos, num perigoso círculo vicioso. Mas este desenvolvimento deturpado do que é riqueza e felicidade não afeta apenas os ricos, mas também os pobres que, tão logo podem, tor-

Devemos estar atentos às nossas definições e anseios quanto ao que é felicidade, ou ao que realmente é importante para nós como seres humanos. Devemos refletir muito sobre este tema e, olhando para a grande parte da humanidade que vive miseravelmente, jogada a esta situação justamente pela forma de buscarmos a felicidade,

refletirmos sobre as consequências deste egoísmo gerador de pobreza. Devemos ainda tentar mudar nossos valores de felicidade, alicerçando-os principalmente no desapego material, na fraternidade e ética

social, abstendo-se também de ações egoístas, para que passemos a viver mais dignamente e em paz com nossa consciência e com nossos semelhantes, e assim colaborar para melhorar a situação caótica em que estamos. Só agindo assim é que poderemos um dia ter uma vida interior plena de satisfação com nossas ações e, conseqüentemente, colaborar para uma vida melhor para nós e para nossos semelhantes e entender o que realmente o grande Lao-Tsé quis dizer em seu verbete.

**O ser humano moderno só pensa nos bens materiais**

(\*) Antônio Silveira Ribeiro dos Santos é juiz de Direito em São Paulo. É